



FOTOGRAFIA ESCOLAR: RESGATE E (RE)CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA

SCHOOL PHOTOGRAPHY: RESCUE AND (RE)CONSTRUCTION OF MEMORY

Paulo Bareicha¹
 Universidade de Brasília
 Mirian Celeste Martins²
 Universidade Mackenzie

Resumo: A fotografia é um recurso potente na aula de artes. Ela traz em si um recorte do momento vivido e leva consigo a possibilidade de resgate desta memória. No Brasil, durante o Estado Novo (anos 30 e 40), a fotografia escolar, utilizando como cenário bandeiras, livros e globo tornou-se um evento nas escolas, mobilizando pais, professores e alunos que levavam consigo uma recordação carregada de significados. No século XXI essa prática tem se tornado cada vez menos frequente. Esta investigação se insere no contexto das aprendizagens em arte no curso de pedagogia e tem como objetivo a realização de uma proposta pedagógica que questione a profundidade e a extensão da formação das professoras referência da educação básica. A pesquisa foi desenvolvida com 30 estudantes do Curso de Pedagogia na Universidade de Brasília. A experiência da “fotografia escolar” foi experimentada de modo que todos produzissem a foto umas das outras. Cada estudante devia levar um objeto pessoal de sua memória dos anos iniciais na escola. Foram produzidas fotos no tamanho 20x25 que compuseram um mural da turma, exposto no corredor da Faculdade. Os resultados são discutidos em termos da diversidade de objetos de memória trazidos pela turma, do valor da experiência com fotografia, das possibilidades de resgate e significação do vivido e do aprendizado em si da criação de uma proposta pedagógica.

Palavras-chave: proposição pedagógica; arte na pedagogia; educação em artes; artografia.

Abstract: Photography is a powerful resource in art classes. It captures a snapshot of a lived experience and brings with it the possibility of reclaiming this memory. In Brazil, during the Estado Novo (the 1930s and 1940s), school photography, using flags, books and a globe as a backdrop, became a popular event in schools, mobilizing parents, teachers, and students who took home meaningful memories. In the 21st century, this practice has become increasingly rare. This research is part of the context of art learning in pedagogy programs and aims to develop a pedagogical proposal that questions the depth and breadth of training for primary and secondary school teachers. The research was conducted with 30 pre-service teachers at the University of Brasília. The "school photography" experiment involved having everyone take a photo of each other. Each student was asked to bring a personal object that captured their memories of their early years at school. 20x25 photos were produced and made up a class mural, displayed in the school hallway. The results are discussed in terms of the diversity of memory objects brought by the class, the value of the experience with photography, the possibilities of recovering and giving meaning to what was experienced, and the learning itself of creating a pedagogical proposal.

Keywords: pedagogical proposition; art in pedagogy; arts education; artography.



1 INTRODUÇÃO

O ensino de arte no curso de Pedagogia é tema polêmico e necessário para a discussão do lugar da arte no currículo, na didática e na interdisciplinaridade na educação básica. Como disciplina, o conteúdo “educação em arte” tem sido subestimado na formação inicial. Apesar de obrigatório, o conteúdo ainda figura como optativo em muitas faculdades de Pedagogia, incluindo onde foi realizada esta pesquisa.

A pedagoga é a professora³ referência dos anos iniciais de cada estudante na educação brasileira. Sua atuação se estende ainda ao ensino médio, EJA, classes especiais, trabalho em pedagogia empresarial e até mesmo organizações não governamentais de diferentes setores que lidam com educação. Nesse sentido uma boa formação em “educação em arte” é imprescindível para o exercício de boas práticas pedagógicas e para a atuação multiprofissional na escola, especialmente junto aos professores de artes.

Nesse sentido o Grupo de Pesquisa Arte na Pedagogia (GPAP) tem organizado simpósios e pesquisa interinstitucional aprofundando a discussão realizando proposições artístico-pedagógicas que promoveram a implicação não só de estudantes de Cursos de Pedagogia em 24 universidades brasileiras e latino-americanas, mas também de docentes de arte naqueles cursos. As experiências estéticas as fizeram refletir sobre o seu papel como docentes e suas possibilidades como pesquisadoras em Pedagogia (Freitas, A, C et al, 2025).

O presente artigo apresenta um estudo exploratório realizado a partir da problematização da experiência de produzir e utilizar imagens fotográficas, prática comum nas escolas do século passado. No âmbito da curricularização da extensão universitária, cada participante que se inscreveu na atividade assinou Termo de Livre Esclarecido e Consentimento para a utilização das informações e imagens produzidas, para fins acadêmicos como relatório de pesquisa, apresentação em congressos, monografia de graduação e dissertação de mestrado. Participaram da pesquisa 30 estudantes do último ano do curso de pedagogia. A metodologia artográfica (Dias, Irwin, 2013) e a pesquisa baseada em fotografia (Marin e Roldan, 2012, 2017) fundamentaram o modo como a pesquisa foi desenvolvida, tanto na utilização da fotografia como ideia e não como ilustração, como também a proposição e construção coletiva, no compartilhamento de perspectivas pessoais.



Na Imagem 1 podemos observar a “foto propositiva” que faz menção a fotos escolares tiradas nas escolas no século XX (como veremos a seguir). As alunas que participaram da pesquisa fizeram sua escolarização no século XXI não tenho memória desse evento educativo em sua escolarização.

A imagem referência foi feita por IA (inteligência artificial) e serve de parâmetro para dois objetivos secundários: 1) apontar a possibilidade de utilização da IA como recurso na criação de uma experiência pedagógica; e 2) induzir a reflexão da utilização do celular e suas extensões em sala de aula, visto ser equipamento de amplo acesso (diferentemente se uma máquina fotográfica), e com recursos pouco explorados (como os APP e a IA).

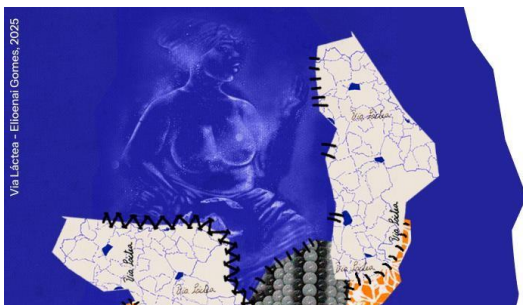
Imagem 1 – Fotografia escolar produzida pela Inteligência artificial (Copilot, 2025)



Fonte: Produzido por IA.

Como estudantes de Pedagogia registrariam suas fotos escolares? Com quais objetos significativos? A partir desta provocação, apresentamos a justificativa e objetivos da pesquisa que levaram à produção de um grande painel. A pesquisa em si teve vários desdobramentos, mas ressaltaremos aqui a questão do “resgate e construção de memórias escolares” como uma proposição pedagógica potente para utilização nos anos iniciais da escolarização.

2. A FOTOGRAFIA COMO PROPOSIÇÃO PEDAGÓGICA EM ARTE



Os primeiros registros do uso de imagens fotográficas nas escolas brasileiras são datados da primeira década do século XX (Baldez, 2022). A autora ressalta que, até os anos 1950, a fotografia tinha um caráter “ilustrativo” em anuários e livros que retratavam a história da educação. A imagem devia “atestar” o escrito. Essa prerrogativa demonstrava a necessidade dos municípios de municiar os governos com informações e comprovações relacionadas à quantidade de alunos, à estrutura da escola e ao manejo de classe pela professora.

Já a foto escolar (Imagem 2), com a estudante sentada atrás de mesa, organizada com caderno ou livro em que estaria trabalhando, um globo e atrás, estante de livros ou bandeiras da escola, município, estado e país, foram introduzidas durante o Estado Novo. Durante a era Vargas dois conceitos foram introduzidos: o da integralidade da educação como formação universal; e o de civismo/patriotismo. As fotografias escolares serviram como atestado da iniciação cívica, ocorrendo nas imagens a “farda” do grupo estudantil (escola), as bandeiras portando os símbolos nacionais e os livros, que apontavam para o valor do conhecimento enciclopédico.

A prática se tornou uma tradição repetida ano após ano. A visita do fotógrafo passou a estar relacionada com o evento do desfile de 7 de setembro. A escola se preparava mês a mês para que nas comemorações da independência do Brasil os valores de civismo e urbanidade fossem reforçados e para que cada aluno levasse consigo uma recordação de sua iniciação escolar nesses valores.

O Brasil passou, após a segunda guerra mundial, por diversas transformações na educação. Entre elas: a mudança dos níveis de ensino, a adoção de novos idiomas estrangeiros, a introdução de disciplinas como o ensino de arte nas escolas. Mas a maior transformação se transformou no maior desafio, a ampliação da malha educacional a todos os municípios e a universalização do ensino a toda a população. Em 1950 havia 1574 municípios no país. E hoje há 5.570! E os grandes centros urbanos experimentaram ainda a explosão demográfica que implicou diretamente no desafio permanente de levar educação, saúde, segurança e urbanidade a todos os cidadãos. Tais desafios, foram consolidados, no campo das leis, pela Constituição Federal de 1988 e pela LDB, em 1996.

As fotos escolares, assim como os desfiles em datas comemorativas e o hasteamento de bandeiras, também foram deixando de ser utilizadas em grande parte das escolas, sendo substituídas por outras práticas e atividades conforme o Projeto Político Pedagógico - PPP, que passou a ordenar a liberdade de escolha e de ação



em cada escola.

A fotografia fazia dos estudantes (e daqueles que apareciam na imagem) participantes passivos, que “mostravam” o que o fotógrafo queria ou deveria ilustrar. Nesta pesquisa introduzimos a experiência da “fotografia escolar” à semelhança da prática realizada nas escolas durante o século XX, mas promovendo o protagonismo das estudantes de pedagogia (sugerindo e discutindo que a mesma experiência possa ser feita nos anos iniciais onde a pedagoga é professora referência). Uma das principais diferenças foi que nenhuma das 30 participantes havia passado pela experiência em sua escola. Houve relatos de “outras fotografias e recordações”. Fotos foram tiradas durante eventos como a festa de São João, a participação nas quadrilhas, durante a festa da família e, principalmente, em “formaturas” (na educação infantil, no fundamental e no ensino médio).

Para isso foi criado um cenário fotográfico com todo o aparato técnico (Imagem 2). Bandeiras, o globo e objetos pessoais, além da postura corporal de cada estudante marcavam o instante da fotografia.

Imagem 2 – A montagem do *set* fotográfico.



Fonte: Acervo dos autores

A experiência com o *set* fotográfico foi qualificada como “empolgante”. Além do ensaio fotográfico em si, a bandeira brasileira foi alvo de uma observação sensível e atenta e levou a pensar sobre a possibilidade de utilização como recurso nas vivências relacionadas aos campos de experiência da Educação Infantil. As cores, as formas, as linhas com espessuras diferentes, o desenho das estrelas, o número das estrelas,



a correspondência com os Estados e os mapas estelares, o nome dos Estados e do Distrito Federal, as capitais de cada um, entre vários outros conteúdos. Aquilo que poderia ser interpretado “apenas” como elemento cívico-patriótico, ganhou dimensões pedagógicas não pensadas pelos alunos. Isso os levou a procurar e trazer seus próprios “elementos de memória” que, ao invés de repetirem uma foto padrão, personalizaram a experiência.

Cada participante foi informado que haveria um jaleco branco e o cenário preparado para a fotografia. Do mesmo modo, haveria uma aula sobre a fotografia como recurso na sala de aula. Em seguida, com tripé montado, figurino e cenários prontos, cada aluna, em duplas, tiraria a fotografia uma das outras. Dessa forma, tornaram-se produtoras e autoras da experiência. Um elemento foi introduzido diferente dos exemplos seguidos. Solicitou-se que cada um trouxesse um objeto que tivesse referência direta com seus anos escolares, o qual posteriormente foi explorado em sua narrativa (imagem 3).

Imagem 3 – Painel com todas as fotos.



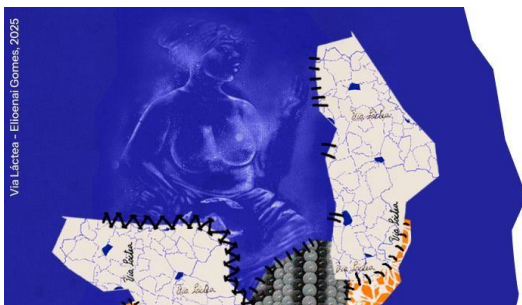
Fonte: Acervo dos autores.



Interessante notar que os estudantes subverteram a “ordem inicial” da sessão de fotos. Nenhum deles optou por utilizar o jaleco branco que caracterizaria “a professora”. Nos comentários em aulas posteriores, alguns disseram que estavam (ainda) no papel de alunos apesar de mais da metade da turma estarem cursando estágio e terem de utilizar o jaleco nas escolas, preferiram não utilizar.

Importante destacar a variedade de “objetos de memória” trazidos pelos estudantes. Estilingue, boneca, jogo eletrônico e uma série de brinquedos que povoaram o imaginário deles no início dos anos 2000. Do mesmo modo revistas em quadrinho, cartilhas, livros de pintura e até uma bíblia - práticas de leitura e escrita desenvolvidas em espaços escolares e não escolares. Também estojos, caixa de lápis de cor, giz de cera, e também uniforme da escola, camiseta comemorativa e até um calendário personalizado com sua foto feita pela escola. Na Imagem 3 é possível ver com mais detalhes os objetos selecionados para compor sua fotografia escolar.

Imagem 4 – Destaque dos objetos selecionados.



Fonte: Acervo dos autores.

Cada aluno descreveu o seu objeto e contou a sua história e os sentimentos que deles se despregam pela memória. O exemplo da imagem 5 evidencia um trabalho escolar em artes visuais realizado ainda na educação infantil pela estudante: “eu me lembro do dia em que este desenho foi feito. A professora havia distribuído as folhas, mas eu cheguei atrasada. Peguei uma folha, mas vermelha, e não branca como a de todos. Mas no final meu desenho foi aceito pela professora e compôs o mural junto com todos. Eu não tinha percebido a diferença dos outros até que vi no mural todos brancos e o meu diferente. Foi uma sensação diferente, que trago até hoje. Por isso trouxe o desenho para participar da foto” (aluna participante).

Imagem 5 – Destaque do objeto selecionado.

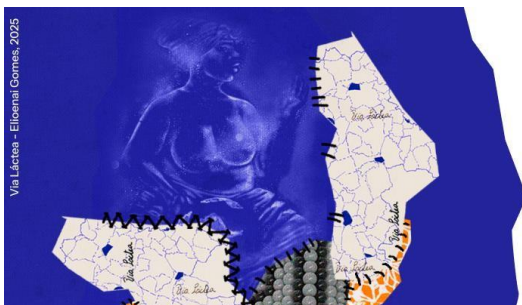


Fonte: Acervo dos autores.

A estudante descreveu uma aula feliz em que pode utilizar colas coloridas e realizar seu autorretrato na Educação infantil. O papel também destoou da turma, visto que todos usaram um papel branco e ela escolheu um papel vermelho. Mesmo assim “foi permitido” dentro do rigor figurativo, que se expressasse e que desenvolvesse seu autorretrato daquela maneira. Ela própria percebeu que talvez “tivesse feito errado”. Mas todos acolheram sua produção, que acabou ficando no centro do mural da turma, o que a deixou ainda mais feliz. Essa memória, resgatada na experiência das “fotografias escolares” no curso de Pedagogia, a encorajou a lembrar da sua escolha profissional e da importância das experiências em arte na formação dos anos iniciais. Do mesmo modo a dimensão do “eu e tu”, presente como campo de experiência na educação infantil, foi alcançado, ao perceber a diferença de si para os outros.

Assim é que a proposição pedagógica se tornou “significativa”, traduzindo na memória o aprendizado que fez com que uma simples vivência se tornasse em uma experiência. A proposição fotográfica em sala de aula culminou com a montagem de um mural na entrada da Faculdade de Educação, que ficou exposto durante um mês para apreciação da comunidade universitária, que é apresentado na imagem 6.

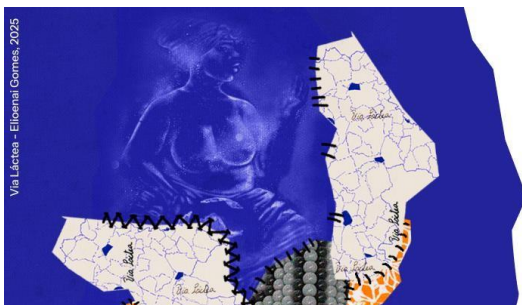
Imagem 6 – O mural no hall da Faculdade de Educação/UnB.



Fonte: Acervo dos autores.

Nesse meio tempo, funcionários e vigias terceirizados também começaram a comentar e acabaram por interferir no mural. Uma das vigilantes, que fez o Ensino Fundamental nos anos 1990, trouxe sua foto de infância tirada na escola como recordação afetiva. Ela explicou que percebeu a movimentação na sala e a empolgação dos participantes. Lembrou que havia participado do “evento” em sua escola e, na hora do intervalo, tirou fotos no *set* com seu próprio celular. Outros funcionários foram informados por ela e também foram tirar suas fotos. A experiência transcendeu a sala de aula e, quando percebemos, convidamos para que os funcionários também compusessem o mural a ser exposto na Faculdade. Todos foram incluídos na atividade de extensão, recebendo o certificado de participação posteriormente, e assinando o Termo de Livre Esclarecido e Consentimento para uso das imagens que produziram. Entraram no espírito do evento cultural e tiveram suas fotos expostas como todas as outras. O aprendizado daquele semestre alcançou seus objetivos entre alunos, funcionários e professores. Na Imagem 7 observamos as fotos da funcionária que ingressou no círculo de cultura da turma.

Imagem 7– A foto de infância como objeto da memória afetiva.



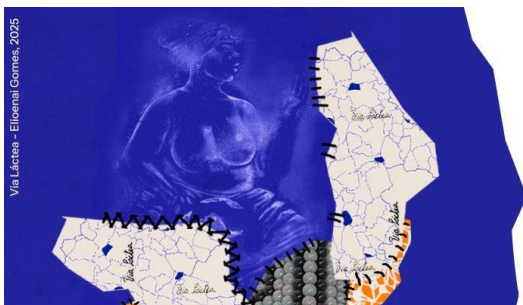
Fonte: acervo dos autores

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro ponto a ser destacado diz respeito ao lugar que a experiência fotográfica pode ocupar no planejamento escolar. Se, na origem do Estado Novo, o imperativo patriótico e militar estava em voga, na experiência descrita o conhecimento histórico (e memorial) dos objetivos em cena preponderou. Não era “a bandeira, o livro e o globo em si”, mas as significações geradas por eles - concordâncias e discrepâncias. Ver-se na imagem parecer ter produzido um efeito tanto de apreciação estética, quanto de crítica e curiosidade.

Se, por um lado, a vigilante que aprendeu em cena, utilizou seu uniforme de trabalho, os alunos trouxeram para a sessão de fotos seus próprios “figurinos”, ou seja, “como queriam se lembrar daquele dia”. Não utilizaram os jalecos brancos disponíveis para a fotografia. Ver-se em cena pode significar a implicação na produção desse conhecimento. Como “proposição pedagógica” a atividade pretendeu exatamente esta implicação pela curiosidade, para o resgate e a produção de memórias.

As memórias resgatadas pelo “objeto de memória” trouxeram, como esperado,



toda a afetividade circundante do momento passado. E a atualizou. Impregnando de sentimento a atividade. Permitindo que cada um desse um toque autoral à sua própria foto. Um momento “ético” também quando um aluno, no lugar do fotógrafo, pergunta ao outro: “Veja se ficou boa, ou tiro outra”. E assim se instituiu uma construção coletiva e amorosa de conhecimentos, com a partilha de percepções, opiniões e emoções.

O estudo exploratório alcançou o objetivo de implicar o estudante em sua cena pedagógica, fazendo-o resgatar memórias (plenas em afetos e significados), que pode, voluntariamente, compartilhar com os demais colegas. A produção coletiva, em duplas para se sacar as imagens, e em grupo para se levantar o mural, proporcionou a aderência à atividade, o foco na realização da tarefa e a implicação no aprendizado, permitindo que, pela troca de experiências e pela dedicação os produtos emergissem. As memórias infantis foram resgatadas e a memória do presente, no futuro talvez fique registrada como uma aprendizagem significativa de seus anos escolares na universidade.

REFERÊNCIAS

BALDEZ, E. O fotógrafo vai a escola. Usos da fotografia escolar por parte dos dirigentes da instrução pública primária. **Revista Diálogo Educacional**. Vol 22, N. 73, p.729-750, PUC: Curitiba, 2022.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. (org.) **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: a/r/tografia**. Santa Maria: EdUSFM, 2013.

FREITAS, A, C.; Argenta, A.; Carvalho, C.; Bussoloti, J.; Steil, I.; Martins, M. C. (Org.). **Formação Docente com/em artes/culturas: proposições artísticas e estéticas**. (vol 1). São Paulo: Ed. UNITAU, 2025.

ROLDÁN, J.; VIADEL, R. M. **Metodologías artísticas de Investigación en educación**. Málaga: Ediciones Aljibe, 2012.

VIADEL, R. M.; ROLDÁN, J. **Ideas Visuales**. Investigación basada em Arte e investigação artística. Visual Ideas. Arts Based Research and Artstic Research. Granada: Editorial da Universidad de Granada, 2017.

Via Láctea - Elienai Gomes, 2025



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores

Via Láctea - Elienai Gomes, 2025



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores



XXXIV
CONFAEB
2025

Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil
Congresso Internacional de Arte/Educadores